

Gramsci: universidade, jornalismo e política.*

Maria Teresa Arrigoni**

“Istruitevi perché avremo bisogno di tutta la nostra intelligenza. Agitatevi perché avremo bisogno di tutto il nostro entusiasmo. Organizzatevi perché avremo bisogno di tutta la nostra forza” (Motto del giornale *L'Ordine Nuovo*).

Interessa-me, ao longo deste estudo, seguir a trajetória intelectual de Antonio Gramsci como estudante da Faculdade de Letras em Turim. Isto acontecerá principalmente nos primeiros anos após a sua chegada à cidade, porque, como sabemos, Gramsci não será um intelectual no sentido acadêmico do termo. Não chegará nem mesmo a terminar regularmente os estudos universitários¹. Ao contrário, porém, de muitos estudiosos, acadêmicos ou não, que lhe foram contemporâneos, Gramsci preocupou-se continuamente com o contexto cultural em que estava inserido. A partir de um certo momento, o estudante Antonio Gramsci cederá cada vez mais espaço ao militante Gramsci, ao qual sucederá o intelectual militante (e mais tarde *onorevole*) Gramsci.

Nesta sua trajetória, não podemos deixar de considerar uma atividade que durante os anos da juventude vai ocupar grande parte do tempo de Gramsci. Refiro-me à sua atividade jornalística, como colaborador dos jornais *Il grido del popolo*, de *L'Avanti*, entre outros, e, principalmente como fundador e diretor de *L'Ordine Nuovo*. Ao longo destas reflexões, abordarei especificamente sua atuação junto a este último, que se liga de forma mais direta à sua ação como militante político.

Já é conhecido o fato de Gramsci ter obtido a bolsa de estudos que lhe permitiu cursar a Faculdade de Letras. Mas isto não nos deve fazer crer que seu interesse primeiro fosse a literatura. Na verdade, suas preferências na juventude, haviam-se direcionado, de forma natural, para as ciências exatas. E ele mesmo afirmou isto em uma de suas cartas do período do cárcere:

“Io avevo spiccatissime tendenze per le scienze esatte e per la matematica, da ragazzo. Le ho perdute durante gli studi ginnasiali, perché non ho avuto insegnanti che valessero un poco più di un fico secco”².

* Este texto, com algumas modificações, é parte da dissertação de mestrado “Antonio Gramsci: cultura e literatura politicamente engajadas”, defendida junto à F.F.L.C.H. da Universidade de São Paulo.

** Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras do Centro de Comunicação e Expressão — UFSC.

Se realmente estas tendências a que se refere o próprio Gramsci se perderam, o certo é que ele reconheceu que a precariedade de seus estudos anteriores ao liceu não lhe teria permitido um aprofundamento sério no campo das ciências exatas. Dedicou-se então, com rigor científico, às matérias dos cursos de Letras, da geografia à gramática, da filosofia à literatura, não deixando de frequentar cursos de seu interesse junto às Faculdades de Direito e de Economia.

Dentre os cursos seguidos, principalmente ao longo dos dois três primeiros anos, consta que o seu "interesse prevalente, in senso tecnico e scientifico, (. . .) non c'è dubbio che furono gli studi di linguistica, . . ."³, empenhando-o inclusive em pesquisas sobre o dialeto falado na Sardenha. Este verdadeiro idioma sardo, que se destaca por suas particularidades pode ser considerado um dos mais difíceis dialetos italianos. Tal era a importância que Gramsci atribuía aos estudos em torno da língua que seu interesse pela lingüística não vai ser esquecido, nem mesmo após o abandono do curso universitário, para grande desgosto de seu professor de glotologia, Matteo Bartoli, que havia reconhecido seu valor como aluno e havia-lhe sugerido apostar em suas capacidades como pesquisador⁴. Nem mesmo após ter sido enviado para a prisão, pois Gramsci retomará suas reflexões em torno de questões de lingüística tão logo manifestará suas intenções de desenvolver alguns projetos de estudo nos primeiros anos de cárcere. Escreveu em uma conhecida carta de 1927, em que expôs seus planos a Tatiana, sua cunhada e amiga:

"2 — Uno studio di linguistica comparata! (. . .) Si tratterebbe, naturalmente, di trattare solo la parte metodologica e puramente teorica dell'argomento, che non è stata mai trattata completamente e sistematicamente dal nuovo punto di vista dei neolinguisti contro i neogrammatici"⁵.

O propósito gramsciano de realizar estudos sistemáticos durante a permanência no cárcere não pôde tornar-se realidade. Sabemos que as suas condições de saúde agravaram-se contínua e progressivamente e este fato, aliado às restrições carcerárias que o proibiam de escrever quando quisesse e de consultar as fontes de acordo com sua necessidade, impediram-no de atuar concretamente seus estudos *für ewig*, como diz na carta citada acima. No entanto, lendo as notas dedicadas ao assunto, vemos que Gramsci nunca abandonou seu interesse pela língua italiana, pelo fenômeno lingüístico do dialeto, pela literatura, e pelo teatro. E em torno destes temas, que nos interessam de perto, podemos tecer considerações cada vez mais enriquecedoras se refletirmos também sobre o envolvimento de Gramsci com o jornalismo e com a política. Para tanto faz-se necessário, a meu ver, avaliar os elementos presentes no panorama cultural italiano naqueles primeiros decênios deste século.

Uma abordagem dos rumos culturais italianos no início do século não é um argumento nem fácil, nem breve de ser tratado. Como ponto de partida, poderíamos tomar a reação contra o positivismo, que exatamente nos primeiros anos do século começava a se manifestar, passando o positi-

vismo a deixar de representar, do ponto de vista filosófico, a solução otimista e final para os problemas do mundo. A Itália vivia uma situação particular naqueles anos: devido às causas históricas de sua fragmentação, e ao desenvolvimento tardio de uma burguesia industrial, não vinha produzindo, no campo das idéias, nada de realmente original, limitando-se a importar, praticamente, os novos cânones filosóficos e culturais.

O positivismo foi um destes cânones inseridos no contexto italiano de forma desvinculada de uma real participação interna, sem suscitar, portanto, uma ampla acolhida no âmbito ideológico-cultural. Certamente houve fatores de enriquecimento no âmbito do desenvolvimento das ciências, por exemplo, especialmente no que se refere ao campo das ciências sociais, da economia, da filologia. Mas, na verdade, quando o positivismo conheceu seu momento de maior prestígio na Itália, nos últimos anos do século XIX, já estava sendo superado em outros países em nome de um retorno mais ou menos definido aos domínios do idealismo.

O dado original na Itália do século XX é que “la reazione antipositivistica, che caratterizzò l’inizio del *secol novo*, non si risolvette soltanto in una critica filosofica. Fu anche una critica politica”⁶. E isto porque, como nos esclarece o próprio Bobbio, autor do trecho acima citado, na Itália, as idéias contrárias ao determinismo puro e simples, à “ingenua adorazione dei fatti”, às diretas reduções no campo sociológico, caminharam “di pari passo con la polemica contro il paventato avvento di un allargamento democratico della base del potere, (. . .) contro la democrazia e il socialismo”⁷.

Não podemos nos esquecer de que o Partido Socialista Italiano havia sido fundado em 1892 e já havia mobilizado a seu redor as forças do nascente proletariado urbano. Ao mesmo tempo, a burguesia italiana procurava ampliar seu espaço e, sobretudo, buscava aproximar-se das outras burguesias da Europa, mais fortes e consolidadas. Embora pareçam estar em extremos opostos, estas duas forças emergentes suscitavam um sentimento de insegurança que aproximava seja os que desejavam a restauração da antiga ordem burguesa moldada ao século anterior, seja aqueles que ansiavam pela mais completa desordem.

Ligada ao desejo de restauração nos moldes da sólida burguesia do século XIX, está a presença de Benedetto Croce⁸, que mais do que ninguém exerceu sua influência, tão vasta quanto longa, no panorama filosófico-cultural italiano. Conservador no campo intelectual e defensor do neo-idealismo no campo filosófico, Croce posicionou-se “contro il positivismo, propugnando la ‘rinascita dell’idealismo” e “credette di dover promuovere un’opera di riforma radicale, di opposizione totale, di rovesciamento (. . .)” e nesse sentido, como afirma o estudioso Norberto Bobbio, “cioè, dall’antitesi positivismo-idealismo, la vittoria di Croce fu schiacciante”⁹.

Croce atuou também no sentido de eliminar aquele que poderia tornar-se um perigoso elemento de oposição: o marxismo. Resolveu o problema mais imediato não reconhecendo ao marxismo a condição de sistema filosófico, e reduzindo-o a um simples fator auxiliar na compreensão da história, mas serviu-se ocasionalmente de seus conceitos na batalha anti-positivista

que travava.

Quando falamos em domínio cultural de Croce, temos necessariamente de comentar um importante instrumento de divulgação de seu pensamento e do de seus seguidores. Refiro-me à revista *Critica*, fundada em 1903. Até 1944, portanto por mais de quarenta anos, esta revista veiculou idéias, ensaios e polêmicas de autoria do filósofo italiano. Foi ponto de referência e de discussão para todos os intelectuais, jovens ou não e leitura obrigatória para todo aquele que estivesse participando do momento cultural italiano e internacional. Encontraremos nas cartas de Gramsci à cunhada Tatiana, que se encontrava na Itália, inúmeras referências à revista *Critica*, inclusive devido a problemas concretos pela renovação da própria assinatura ou pelo não recebimento de algum número¹⁰. É, portanto, compreensível que Gramsci faça referências a este ou àquele argumento, ao redigir suas notas, partindo de conceitos ou afirmações lidas nas páginas da revista *Critica*.

Devemos refletir também sobre uma das características deste início de século ao qual me estou referindo, ou seja, sobre o surgimento na Itália de um considerável número de revistas de caráter cultural, algumas das quais estavam destinadas a ter uma duração efêmera e/ou servir apenas de instrumento de divulgação temporária do irracionalismo tão difundido naquele momento. E estas forças irracionais certamente pesaram no contexto cultural italiano, mais pelo efeito que provocaram a nível de confundir conceitos e tendências, do que por terem realmente dado início a um movimento de renovação verdadeiro, que pudesse, de certa forma, opor-se a toda uma tradição cultural tipicamente italiana. Quais são estas forças, contra as quais, como já disse, posicionava-se também Croce, além de quantos estavam empenhados em difundir e fortalecer o socialismo?

Refiro-me principalmente aos intelectuais que se reuniram em torno das revistas *Il Leonardo*, *Il Regno*, *Hermes*, e mais tarde *Lacerba*, algumas das quais não passaram dos três a quatro anos de atividade. Tinham em comum, no entanto, algo que possuía uma profundidade maior do que o simples posicionamento contrário à razão, teorizado por Papini e Prezzolini em *Il Leonardo*. Esta tomada de posição pode ser percebida nos artigos iniciais dessa revista, em que se promulgava uma "iniziazione alla filosofia di Bergson, intesa come 'apologia della vita intima, rivendicazione all'individuo della sua potenza sul mondo esterno, riduzione della scienza a un linguaggio comodo, ecc. . . .'"¹¹. Papini chegou a ser o "banditore della 'lotta contro la ragione', . . ." posicionando-se abertamente "contro la logica (. . .), contro la verità (. . .), contro la coerenza. . ."¹².

O que aproximava, pois, as diversas revistas citadas? O elo com que mais concretamente serviria mais tarde para reunir muitos destes jovens, em um primeiro momento empenhados, se assim posso dizer, em uma renovação cultural, eram as atitudes profundamente anti-socialistas e até mesmo antidemocráticas de suas polêmicas. Polêmicas que confluíram, na maioria dos casos, em um nacionalismo retórico, em prol da burguesia e da guerra. Promovia "l'elogio della guerra" Enrico Corradini nas páginas de *Il Regno*, e defendiam o imperialismo e o individualismo Giuseppe

Antonio Borges e os colaboradores de *Hermes*, que se diziam "aristocratici in arte, individualista nella vita, (. . .) siamo pagani e dannunziani (. . .) Siamo discepoli del D'Annunzio"¹³, o que naquele momento possuía um significado preciso, pois sabemos que o posicionamento dannunziano como escritor e poeta girava em torno de um estetismo retoricamente trabalhado e seu comportamento político estimulava ações falsamente grandiosas e pseudo-renovadoras¹⁴.

A revista *Lacerba*, mesmo surgindo mais tarde no panorama cultural e político italiano, veiculou as idéias de Papini e Ardengo Soffici, além de seus colaboradores, e em suas páginas "il rifiuto del socialismo e in genere della democrazia precipita nella più aberrante esaltazione della guerra, della strage, della carneficina. . ." ¹⁵, embora promova, sob um certo aspecto, uma atualização em termos da literatura e das artes figurativas.

Como vemos, as tendências do irracionalismo geravam posições radicais e, às vezes, contraditórias, e dentro desta perspectiva não podemos esquecer de que um importante movimento promovia, naqueles anos, o questionamento, ou melhor a negação do passado, na arte como na literatura: Refiro-me ao futurismo, que, sabemos, liga-se ao nome de Filippo Tommaso Marinetti, autor do célebre *Manifesto*, publicado em *Le Figaro*, em 1909. O movimento futurista, em datas imediatamente posteriores, sempre através de manifestos, veicula novas propostas (que em sua maioria não chegaram a ser concretizadas) para os mais variados campos, da literatura à música, do teatro à arquitetura, sem excluir o cinema, a pintura e a escultura.

Este movimento, visto da perspectiva crítica mais moderna, apresentou certamente, e ninguém pretende negá-lo, uma potencialidade realmente revolucionária, em especial no campo das artes plásticas, mas ao mesmo tempo refletiu, no campo concreto de sua atuação, posições altamente reacionárias, fortalecendo, com seu irracionalismo e seus elogios à violência e à guerra, as tendências nacionalistas precursoras do fascismo. Isto em um primeiro momento, porque mais tarde, quando já o fascismo estará consolidado como movimento em âmbito nacional, muitos daqueles haviam atuado como porta-vozes das propostas futuristas, a ele aderiram concretamente, seguindo o exemplo do próprio Marinetti¹⁶.

Mas não eram estas as únicas vozes que se levantavam através das revistas. Não podemos deixar de considerar também a presença de grupos importantes em torno da *L'Unita*, de *La Voce*, das revistas fundadas por Piero Gobetti¹⁷, como *Energie Nuove*, e, principalmente, em torno de *L'Ordine Nuovo*.

Podemos agrupar estas diferentes revistas em nome de uma característica comum? Não pensemos simplesmente que, ao contrário das anteriores, estas defendem o socialismo: seria um grande engano aproximá-las neste terreno. A diferença fundamental, em minha opinião, é que embora sob prismas diversos, estas revistas trouxeram algo de concretamente válido para a cultura da época. Não veicularam em suas páginas desabafos pessoais ou gritos aloucados, mas propuseram mudanças culturais. É claro que

no caso de *L'Unita* e de *L'Ordine Nuovo* terei de considerar, e o farei de forma mais aprofundada a seguir, a componente sócio-política que lhes é particular, mas não se pode dizer o mesmo da produção de *La Voce*, por exemplo.

Esta revista merece, a meu ver, uma breve reflexão, antes de mais nada porque ocupa um espaço importante em termos da cultura italiana, e depois porque vive uma vida suficientemente longa para conhecer três momentos distintos. O primeiro, em que conta inclusive com a colaboração de Gaetano Salvemini¹⁸, mais tarde fundador de *L'Unità*, é o que vai de 1908 a 1911. Durante este período, a revista "si distingue per l'impegno, la serietà morale e la probità intellettuale che i suoi collaboratori portano nella loro opera di protesta e di critica e per la chiarezza degli obiettivi"¹⁹, e conta com a colaboração de nomes como Croce, Amendola, Einaudi, além de Salvemini. Este momento é, sem dúvida, o mais empenhado, do ponto de vista de uma busca cultural inovadora.

Entre 1912 e 1913, a revista *La Voce* conhece sua segunda fase, ligada somente à literatura, que foi responsável pela difusão de inúmeras obras literárias estrangeiras. A terceira, no ano de 1914, é importante porque denuncia o real posicionamento de Prezzolini, que deixa a revista, da qual era o diretor, anuncia a fundação de *Il popolo d'Italia* de Benito Mussolini e passa a ser um de seus colaboradores. A partir de 1914 e até 1916, a revista será dirigida por Giuseppe De Robertis e manterá características exclusivamente literárias.

Creio que um juízo de Gramsci sobre a atuação desta revista, extraído dos escritos do cárcere, sirva para ilustrar-lhe a importância, ao mesmo tempo em que pode enriquecer nossa visão crítica: "Il movimento della *Voce* non poteva creare artisti, *ut sic*; é evidente; ma lottando per una nuova cultura, per un nuovo modo di vivere, indirettamente provocava anche la formazione di temperamenti artistici, poichè nella vita c'è anche l'arte"²⁰.

Coloquei lado a lado, quando acima me referi às revistas, o nomes de *L'Unità* e *L'Ordine Nuovo*. Na verdade, a primeira está muito mais próxima de Pierro Gobetti que de Gramsci. Isto porque, em sua revista, Salvemini empenhou-se em aborçar os problemas políticos e sociais, em busca de uma visão que fugisse da ambigüidade proposital daquelas correntes irracionais e daquele certo socialismo, que, dizendo-se revolucionário, caminhava em direção ao fascismo. Também Piero Gobetti atuará no sentido de dar à cultura um endereçamento voltado para a seriedade, e à política uma concreta dimensão democrática. Se Gobetti foi um liberal que "aveva capito la posizione sociale e storica del proletariato e non riusciva più a pensare astraendo da questo elemento"²¹, Gaetano Salvemini foi um intelectual meridionalista que se posicionava a favor de uma total renovação no plano político-partidário e cultural. Neste sentido, eles têm, através de suas revistas, algo em comum com o pensamento do jovem Gramsci, especialmente no que refere às crônicas de costumes e àquelas do jornal *Il grido del popolo*. Para *L'Ordine Nuovo*, terei que tecer considerações mais específicas, como mostrarei a seguir.

Antes de abordar a realização gramsciana mais concreta no campo da participação política-social junto a *L'Ordine Nuovo*, julgo fundamental retomar um trabalho seu que precedeu de dois anos a publicação da revista citada. Refiro-me ao ano de 1917, em que Gramsci publicou *Città futura*²², um número único, o qual saiu às ruas em 11 de fevereiro, com uma proposta de temas que pessoalmente julgava indispensáveis para o amadurecimento de um debate a nível nacional. Em *Città futura* Gramsci publicou textos de Salvemini e Croce, personalidades do mundo da cultura, cujas obras, a seu ver, mereciam ser conhecidas e discutidas. Ao lado de alguns textos que reproduziu artigos de sua autoria, como "Indifferenti", no qual se pode ler:

"Odio gli indifferenti (. . .) L'indifferenza opera potentemente nella storia. Opera passivamente, ma opera (. . .) la massa degli uomini abdica della sua volontà, lascia fare, lascia aggruppare i nodi che poi solo la spada potrà tagliare, lascia promulgare le leggi che poi solo la rivolta farà abrogare, lascia salire al potere gli uomini che poi solo un ammutinamento potrà rovesciare"²³.

Embora cronologicamente o texto citado não se encontre dentre os primeiros escritos por Gramsci, parece-me significativo seu posicionamento contrário ao comodismo e à simples aceitação do papel de espectadores diante dos fatos. Quem, por ventura, quiser ler os seus escritos sem perder de vista seu envolvimento pessoal na política italiana e internacional, saberá que esta sua posição está longe de ser simples retórica. Se quisermos, ele realmente atuou e escreveu tendo sempre como objetivo (e não queremos esquecer seus momentos de panfletarismo²⁴) o sacudir das consciências, o despertar do indivíduo para uma atuação em esferas cada vez mais amplas, tanto no campo cultural, como social e político. O texto, a meu ver, merece maior atenção se pensarmos que um dos fatores da instauração do regime fascista foi exatamente a *indifferenza* de um grande número de italianos da época.

A experiência de *Città futura* enriqueceu ainda mais os contatos de Gramsci com o jornalismo, já iniciados com as atividades desenvolvidas junto a *Il Grido del Popolo* e *L'Avanti*, e, de certa forma, preparou o caminho para o projeto maior de *L'Ordine Nuovo*.

Creio ser importante notar que os escritos de Gramsci, aos quais me referi acima, possuem uma característica comum: pertencem à produção pré-carcerária do intelectual sardo²⁵. E, se ao longo dos quase dez anos em que esteve preso o dirigente comunista escreveu ensaios e notas que até os dias de hoje são objeto de estudo, pela densidade do conteúdo que apresentam, no período anterior ao cárcere seus escritos possuem uma ligação muito mais direta com a vida do dia-a-dia em Turim e com os fatos polêmicos italianos, além de estarem concretamente presos à sua atuação pessoal. É preciso não esquecer de que muitas das notas e dos breves ensaios do período do cárcere serão elaborados de memória e retomarão muitos dos pensamentos já esboçados nesta fase, ampliando-os e aprofundando-os. Não podemos deixar de lembrar também que Gramsci

depois de perder a liberdade, não contou sempre com a possibilidade de ter a seu dispor o material necessário para prosseguir suas leituras e seus estudos²⁶.

Não seria correto, no entanto, afirmar que seus escritos posteriores a 27 tenham significado uma ruptura, como se se tratasse de "un momento di pensiero posteriore a quello dell'azione: opera di storico succeduta a quella del politico"²⁷. Verificou-se, na verdade, como afirmei, um aprofundamento de algumas de suas muitas reflexões anteriores e não a ocorrência "di una dialettica di tipo crociano fra un pensiero e un'azione fra loro distinti"²⁸. Se quisermos, exatamente nesse sentido, apontar um momento em que mais nítida se tornou a união entre pensamento e ação, teremos de nos referir ao período da atuação junto a *L'Ordine Nuovo*, durante o qual, realmente, a teoria e a prática interagiram, complementando-se.

A experiência de *L'Ordine Nuovo* acontece, como sabemos, em 1919, dois anos após a publicação de *La città futura*: e, se com aquele jornal Gramsci se havia proposto a criar um espaço de vida socialista aberto às discussões políticas e culturais, com a fundação da nova revista parece realizar o desejo de "mobilitare le intelligenze e la volontà socialiste"²⁹. E este mesmo desejo igualmente agrupa os outros três fundadores da revista: Angelo Tasca, Umberto Terracini e Palmiro Togliatti³⁰, que passam a ser juntamente com Gramsci, os diretores de *L'Ordine Nuovo*, inicialmente uma publicação semanal.

Antes de prosseguir, é bom lembrar que aquele mesmo ano de 1919, viu surgir outra revista, *La Ronda*, que atuou até 1923. Nesta Revista, os colaboradores "iniziano la loro polemica mettendo in luce quanto di confuso e di velleitario ci fosse nelle agitate polemiche dei futuristi, nel rivoluzionarismo anarcoide di *Lacerba*"³¹. Mas o aparente clima de oposição ao ruidoso velleitarismo na literatura como na política não foi a tônica dos *rondistas*. Gramsci definiu-lhes a obra como "manifestazione di gesuitismo letterario"³², pela opção destes em afastar a literatura da moral e da filosofia, (além da política), acabando por gerar uma *prosa d'arte*. Por *prosa d'arte* entende-se a criação de uma prosa elaborada com perícia estilística, na qual o esmero formal sobrepõe-se ao conteúdo.

Poderia afirmar, depois do que foi acima exposto, que *La Ronda* e *L'Ordine Nuovo* terão em comum somente o ano de fundação, do momento em que seus conteúdos se situaram em planos opostos e desenvolveram idéias contrárias. Ou seja, às teses dos ordinovitas quanto à cultura desmistificada, ou à literatura enganjada, opunham-se as teses dos colaboradores de *La Ronda*, gerando polêmicas e discussões no plano cultural. Não vai ser esta, no entanto, a principal tarefa desempenhada pela revista *L'Ordine Nuovo*.

O número inaugural de *L'Ordine Nuovo* surge em um significativo primeiro de maio. Mas, por que *ordine nuovo*? Uma das possíveis explicações pode ser relacionada às palavras de Gramsci ao referir-se à revolução russa:

“È l'avvento di un ordine nuovo, che coincide con tutto ciò che i nostri maestri ci avevano insegnato”³³.

Uma outra explicação, pode, no entanto, ser relacionada à posição anteriormente assumida por Benedetto Croce ao redigir, em 1914, o manifesto do *Fascio dell'ordine*: “questo soltanto abbiamo voluto dire: che preferiamo l'ordine al disordine, il serio studio alla chiacchiera avventata, il lavoro all'agitazione incompota”³⁴. Croce referiu-se diretamente à ordem por oposição às greves e às agitações que conturbaram os centros italianos durante os primeiros vinte anos do século. A palavra ordem tem, nesse sentido, a meu ver, ligação com a organização social de supremacia burguesa. Poderia afirmar, portanto, que na escolha do título do novo jornal socialista, os jovens militantes quiseram fincar suas posições em torno da esperada mudança de realidade que consideravam fosse possível acontecer na Itália.

Em nome desta mudança, e de “un bisogno profondamente sentito dai gruppi socialisti di una palestra di discussioni, studi e ricerche . . .”³⁵, os artigos dos primeiros números de *L'Ordine Nuovo* apresentaram um caráter geral e abrangeram temas como a história, a filosofia, a cultura e, em especial, o socialismo, visando a atingir os leitores jovens, os estudantes, os intelectuais, além dos operários. Dentre estes últimos, aqueles que pertenciam aos setores metalúrgicos ou às grandes indústrias, eram os que demonstravam mais alto nível, em termos de preparação. Alguns desses operários chegaram, posteriormente, a colaborar com a revista, buscando através de artigos dirigidos aos colegas, atingir os companheiros de fábrica e de classe.

A partir de junho de 1919, Gramsci provocou o que ele mesmo denominou “colpo di stato redazionale”³⁶, publicando o artigo “Democrazia operaia”. Nesse artigo, com a ajuda de Togliatti e o apoio de Terracini, abordou explicitamente o problema das comissões internas (“le commissioni interne sono organi di democrazia operaia che occorre liberare dalle limitazioni imposte dagli imprenditori”³⁷), que passaram a ser definidas como células de governo proletário.

A partir desse momento, a idéia de uma nova estruturação de poder que partisse da célula da comissão interna da própria fábrica e que fosse ampliada pelas massas de operários cada vez mais conscientes do próprio papel, passou a ser a mola propulsora de *L'Ordine Nuovo*. Desta forma, o problema da ampliação das comissões internas “divenne il problema centrale, divenne l'idea dell'Ordine Nuovo (. . .) divenne per noi e per quanti ci seguivano, ‘il giornale dei consigli di fabbrica’”³⁸. A revista passou a atuar, portanto, em um campo bem diferente daquele que era comum às outras revistas que já tivemos ocasião de mencionar. Atuou bem próxima dos operários, bem mais que a *Critica sociale*, até então a revista do partido socialista.

Os operários italianos, pela primeira vez na história, encontraram nos socialistas de *L'Ordine Nuovo* a determinação de concretizar, de colocar em ato, o que se vinha há tempos afirmando teoricamente. Este modo

de entender o socialismo, que configura um “socialismo operante”, era principalmente a maneira gramsciana, e posterior a 1917³⁹ de viabilizar o poder operário. Isto teria de acontecer especialmente através da consciência, unida à disposição de agir e em oposição à anarquia e à demagogia.

Em outras palavras, o que Gramsci e seu grupo propunham era lutar pela ampliação da célula dos conselhos de fábrica, “con una politica che sappia investire tutte le articolazioni della società, che sappia, operando su di esse, costruire il consenso in torno alla classe operaia, costruirne l’egemonia”⁴⁰.

Os conselhos de fábrica seriam, portanto, núcleos de organização da luta operária, através dos quais os operários assumiriam a consciência da própria função, seja no processo produtivo, seja na sociedade. A partir desta visão, a tomada do poder por parte dos operários constituía para Gramsci “il risultato di un processo, certamente obiettivo, ma di cui uno degli elementi essenziali è dato dalla coscienza del soggetto rivoluzionario che interviene sul processo medesimo”⁴¹.

Esta posição de Gramsci e de seu grupo, contrariava a posição de outro socialista, Amadeo Bordiga, diretor do jornal *Il Soviet*, para quem, ao término do capitalismo, já em deterioração, sucederia a nova tomada do poder por obra do proletariado. Como vemos, Bordiga não tem, ao contrário de Gramsci, a visão da importância da conscientização do operariado de dentro para fora, sem a predominante atuação de fatores extrínsecos.

E não foi somente a corrente *bordighiana* a criticar a posição assumida pelo grupo de *L’Ordine Nuovo*. Já durante o congresso do partido, em Bolonha, em outubro de 1919, não se fizeram propostas que atuassem diretamente com as massas, como no caso dos *consigli*, e ao mesmo tempo, não se promulgou uma ampliação do movimento turinense. *L’Ordine Nuovo* arcou também com críticas da parte de vários órgãos de imprensa, como foi o caso de *Comunismo*, de Serrati, *Battaglie sindacali*, da CGL, e *L’Avanti* de Milão, para citar somente alguns dentre aqueles que poderiam, pelo menos teoricamente, apresentar afinidades ideológicas em torno da questão.

As críticas diretas a equipe de *L’Ordine Nuovo* respondeu com artigos decididos e, por vezes, agressivos. Não deixou, porém, de prosseguir dentro da proposta de trabalho voltada para a divulgação cultural de temas, em grande maioria, de teor histórico-político. Certamente, as páginas de *L’Ordine Nuovo* representam um arquivo fundamental para quem desejar estudar o movimento dos conselhos de fábrica turinenses de 1920 dentro do contexto mais amplo do socialismo, ou da perspectiva histórica do “novo socialismo” *ordinovista*.

Ao lado dos artigos do grupo de redatores, outros textos mereceram as páginas de *L’Ordine Nuovo*, como o artigo de Croce intitulado “La vanità della religione”, em que tece reflexões sobre as ilusórias consolações das religiões, propondo em lugar destas, “l’immortalità che ci promette la ragione”⁴². A publicação deste artigo foi uma resposta aos pensadores

católicos que colocavam Croce como um filósofo também católico.

Também estão presentes nas páginas da revista turinense alguns textos traduzidos de Roman Rolland, como "Per una cultura universale"; de Anatolio Lunaciarski, como "Cultura proletaria"; de Nicola Bukharin, como "Parlamentarismo e sovietismo" e de Henri Barbusse, como "L'insegnamento delle rivoluzioni passate". A estes textos juntou-se uma poesia de Walt Whitmann, traduzida por Togliatti, cujo título em italiano resultou em "A un rivoluzionario vinto d'Europa". Gramsci, referindo-se à censura, que cortou alguns versos da poesia, escreveu em uma das crônicas:

"I delegati di pubblica sicurezza, gli avvocati e i giornalisti smessi che esercitano l'ufficio di censura per delegazione dello stato democratico—parlamentare—burocratico—poliziesco, non sono tenuti a sapere che Walt Whitmann non è mai stato un agitatore, un uomo d'azione"⁴³.

Longe de querer celebrar a violência da luta armada, o texto em parte censurado pretendeu homenagear o poeta americano pela mensagem contida no universo poético de sua obra, voltada para o enaltecimento das possibilidades ideais do indivíduo e do mundo. E os versos de Whitmann não serão os únicos a sofrer os cortes da censura. Em muitos artigos de *L'Ordine Nuovo* vemos lacunas devidas a esse tipo de intervenção, que não era inovador e que conhecerá momentos muito mais duros durante o fascismo. Momentos em que a censura e a apreensão dos jornais deixarão de ser os únicos instrumentos de atuação do enquadrismo e várias sedes redacionais, dentre as quais a de *L'Ordine Nuovo*, sofrerão repetidos ataques diretos, inclusive saques e incêndios dolosos.

A equipe de *L'Ordine Nuovo* superou naquele ano de 1920 os problemas com a censura e com as polêmicas, mas não pôde fazer do movimento dos conselhos de fábrica um movimento vitorioso. Por quê? Porque, se por um lado o movimento pôde ser uma demonstração da força potencial do proletariado consciente, unido entre si, por outro lado, mostrou também quão utópica havia sido a idéia segundo a qual o movimento se alastraria rápida e progressivamente até abranger todo o país, ou pelo menos os grandes centros industrializados. Mostrou aos socialistas que havia outros caminhos possíveis, mas mostrou aos liberais e capitalistas que não era tarde para desfechar um contra-ataque. E sabemos que tipo de ataque estaria por acontecer, pois a *marcia su Roma*, episódio que marca a subida do partido fascista ao poder, data de outubro de 1922⁴⁴.

É compreensível que Gramsci, em especial⁴⁵, e seus companheiros tenham procurado imprimir um rumo diferente ao socialismo italiano. Desde a fundação do partido em 1892, o P.S.I. não vinha conseguindo ser realmente um órgão que desse vida, juntamente com as massas, a um todo homogêneo e coerente. A esse respeito, pronunciou-se Lenin em julho de 1920: "Noi dobbiamo semplicemente dire ai compagni italiani che all'indirizzo dell'Internazionale comunista⁴⁶, corrisponde l'indirizzo dei militanti dell'*Ordine Nuovo* e non l'indirizzo della maggioranza attuale

dei dirigenti. . .”⁴⁷. Torna-se claro também o motivo da separação de Gramsci e de outros dissidentes socialistas em 1921, quando se dá a criação do partido comunista, o P.C.d’I, do qual, como sabemos, Gramsci participará ativamente.

Talvez eu me tenha detido em demasia sobre aspectos ligados à atuação juvenil de Antonio Gramsci, sobretudo no que diz respeito a seu endereçamento político. Em minha opinião, no entanto, é praticamente impossível refletir sobre os conceitos gramscianos em torno da literatura, da arte ou da filosofia, sem ter esclarecido algumas passagens de sua preparação intelectual e política.

NOTAS

1. Consta que Gramsci tenha freqüentado os cursos de glotologia, geografia, gramática grega e latina, alemão, literatura italiana e história da filosofia. Pode-se ler, para informações mais circunstanciadas a respeito de seu curriculum, o ensaio de Luigi Russo, “Scoperta di Antonio Gramsci”. In: *Il tramonto del letterato*. Bari, Laterza, 1943, p. 490.
2. Antonio Gramsci, *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*. Torino, Editori Riuniti, 1979, p. 201.
3. Salvatore Francesco Romano, *Antonio Gramsci*. Torino. Utet, 1965, p. 63.
4. De fato, o professor Bartoli sempre incentivara Gramsci a fim de que prosseguisse os estudos ligados à lingüística. Gramsci, durante o período de reclusão, mencionou em suas cartas seu antigo professor: “Uno dei maggiori rimorsi intellettuali della mia vita è il profondo dolore che ho procurato al mio buon professor Bartoli dell’Università di Torino, il quale era persuaso essere io l’arcangelo destinato a profligare definitivamente i neogrammatici”. (Antonio Gramsci, *Lettere dal carcere*. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1965, pp. 58-9).
5. idem, *ibid.*, p. 58.
6. Norberto Bobbio, “Profilo ideologico del Novecento”. In: *Storia della letteratura*. Milano, Garzanti, 1965, vol. IV, p. 109.
7. idem, *ibid.*, p. 109.
8. Como se sabe, Benedetto Croce nascera na província de L’Aquila em 1866 e mudara-se para Nápoles a partir de 1886. Nesta mesma cidade, deu-se seu falecimento em 1952, após ter legado à cultura italiana e universal um grande número de obras de filosofia e de crítica literária, que não deixaram de ser motivo de estudo e reflexão até os dias de hoje.
9. Norberto Bobbio, *op. cit.*, p. 138.
10. Em vários momentos ao longo de suas notas, Gramsci referiu-se diretamente a artigos de *Critica*, como por exemplo quando fala de Monsignor della Casa: “Nella puntata del suo studio ‘La lirica del Cinquecento’, pubblicata nella *Critica* del novembre 1930, B. Croce scrive. . .” (Em

Antonio Gramsci, *Letteratura e Vita Nazionale*. Torino, Editori Riuniti, 1979, p. 175). Ou ainda, escrevendo à cunhada Tania: "In ogni modo non ho ricevuto neanche il secondo fascicolo della *Critica* di B. Croce, uscita il 20 marzo (. . .) In definitiva, della *Critica* devo ricevere i fascicoli del 20 gennaio e del 20 marzo" (Em idem, *Lettere dal carcere*, p. 773).

11. Norberto Bobbio, op. cit., pp. 118-9.
12. idem, *ibid.*, p. 119.
13. Salvatore Guglielmino, *Guida al Novecento*. Milano, Principato Editore, 1974, p. 96/I.
14. Basta pensarmos no que significou a chamada "impresa fiumana", na qual D'Annunzio, em nome de um nacionalismo particular, quis promover a retomada da cidade de Fiume, visando sobretudo a dar ênfase à sua pessoa. Mobilizou à sua volta muitos simpatizantes da violência e da guerra, que mais tarde aderiram às organizações fascistas.
15. N. Bobbio, op. cit., p. 120. E são palavras de Papini em *Lacerba*: "L'avvenire (. . .) ha bisogno di sangue sulla strada. Ha bisogno di vittime umane, di carneficine. . . (. . .) Abbiamo bisogno di cadaveri per lastricare le strade di tutti i trionfi. . ." (idem, *ibid.*, p. 155).
16. ". . . quando il futurismo esalterà 'la guerra sola igiene del mondo' e il nazionalismo, quando Marinetti scriverà un poema per la conquista della Libia e i futuristi saranno i più rumorosi fra gli interventisti prima, fra i fascisti poi, quando il movimento aggressivo, 'lo schiaffo e il pugno' da metafora letteraria diventeranno prassi della lotta politica". (S. Guglielmino, op. cit., p. 88/I).
17. Piero Gobetti nasceu em Turim em 1901. Participou ativamente da vida cultural turinense de seu tempo. Foi amigo de Gramsci e colaborou em *L'Ordine Nuovo* como crítico teatral. Seu posicionamento contrário ao regime, seja como redator, seja como editor (foi o primeiro a editar as poesias de Eugenio Montale), fez com que fosse repetidas vezes perseguido pelos fascistas. Morreu em Paris (1926) em consequência das lesões provocadas por espancamentos dos esquadrões fascistas na Itália. Além da revista citada, foi também o fundador das revistas *La rivoluzione liberale* e *Il Baretto*.
18. "Salvemini fu un democratico, ma non fu mai un teorico della democrazia (. . .) si attribuì puntigliosamente per tutta la vita la parte di colui che è venuto per combattere le fumose astrazioni dei politici da tavolino. . ." (Citação encontrada em N. Bobbio, op. cit., pp. 149-50). Outro trecho ajuda-nos a compreender a posição de Salvemini dentro da revista: "Salvemini aveva condotto una violenta campagna sulla rivista contro 'l'alluvione di menzogne con cui i nazionalisti rendevano popolare l'idea di conquistare la Libia, terra promessa dove gli Arabi ci aspettavano a braccia aperte'" (Citação que se encontra em S. Guglielmino, op. cit., p. 102/I).
19. Salvatore Guglielmino, op. cit., p. 101/I.
20. A. Gramsci, *Letteratura e Vita Nazionale*, op. cit., p. 8.
21. S. Guglielmino, op. cit., p. 157/I.

22. Este título dado ao primeiro jornal que publica pode ser relacionado à obra de D'Annunzio, *Città morta*, drama bem ao estilo, do escritor, que foi publicado em 1889.
23. Antonio Gramsci, "Indifferenti". In: *Città futura*, número único, p. 01 (Citação encontrada em A. Gramsci, *Scritti politici*. Torino, Editori Riuniti, 1978, vol. I, p. 97).
24. Como podemos ler em seu artigo "Disciplina e libertà", de fevereiro de 1917, em *Città futura*: "Ogni giovane proletario che sente quanto sia pesante il fardello della sua schiavitù di classe, deve compiere l'atto iniziale della sua liberazione, iscrivendosi al Fascio giovanile socialista più vicino a casa sua" (idem, *ibid.*, vol. I, p. 2).
25. Sabe-se que Gramsci foi preso em novembro de 1926, após terem sido revogadas as imunidades parlamentares devido às leis de exceção decretadas por Mussolini. Escreveu ele em uma de suas primeiras cartas: "Arrestato l'8 sera alle 10 1/2 e condotto direttamente in carcere, sono partito da Roma il mattino prestissimo del 25 novembre" (Esta citação encontra-se A. Gramsci, *Lettere dal carcere*, op. cit., p. 17).
26. "Credevo di poter ottenere l'uso permanente della penna e mi ero proposto di scrivere i lavori ai quali ti ho accennato; non ho però ottenuto il permesso. . .", escreveu à Tania em 11.04.1927 (idem, *ibid.*, p. 71).
27. Eugenio Garin, "Gramsci nella cultura italiana". In: *La filosofia come sapere storico*. Bari, Laterza, 1959, p. 166.
28. idem, *ibid.*, p. 167.
29. Paolo Spriano, *La cultura italiana del '900 attraverso le riviste — L'Ordine Nuovo*. Torino, Einaudi, 1963, vol. VI, p. 17.
30. Angelo Tasca havia estudado letras e filosofia na Universidade de Turim, sendo um dos primeiros membros dos "fasci giovanili socialisti", aos quais Gramsci teve acesso por seu intermédio. O outro companheiro, Umberto Terracini não foi redator da revista, mas participou dos principais fatos polêmicos e políticos juntamente com o grupo *ordinovista*. Por fim, Palmiro Togliatti, estudante de direito aos tempos da universidade, retomou importantes questões nacionais e participou do partido comunista desde a sua fundação. Para uma leitura dos artigos de Tasca e Togliatti, consulte-se a obra de Paolo Spriano, citada acima.
31. Salvatore Guglielmino, op. cit., p. 161/I.
32. A. Gramsci, *Letteratura e Vita Nazionale*, op. cit., p. 175.
33. Por 'maestri' refere-se a Marx e Engels, conforme já havia feito anteriormente em um artigo de *Il Grido del Popolo*. (A citação encontra-se em Paolo Spriano, op. cit., p. 20).
34. N. Bobbio, op. cit., p. 143.
35. Paolo Spriano, op. cit., p. 115.
36. idem, *ibid.*, p. 559.
37. Antonio Gramsci, "Democrazia operaia". In: Paolo Spriano, op. cit., p. 157.
38. E continuava afirmando: ". . . gli operai amarono *L'Ordine Nuovo* (. . .) perché negli articoli del giornale ritrovavano una parte di sé stessi. . ."

- (Paolo Spriano, op. cit., p. 559).
39. Como se sabe, o ano da revolução russa foi também para Turim um ano de conflitos populares e operários, duramente reprimidos pelo governo. "Dopo la sommosa operaia del 23-26 agosto e l'arresto di quasi tutti gli esponenti socialisti torinesi. . ." (Citação de *Lettere dal carcere*, op. cit. p. XXIV).
 40. Luciano Gruppi, "Introduzione". In: Antonio Gramsci, *Il materialismo storico*, op. cit. p. XXXIX.
 41. idem, *ibid.*, p. XXII.
 42. Paolo Spriano, op. cit. p. 548.
 43. idem, *ibid.*, p. 154.
 44. De fato, "quando giunge a Roma la notizia della marcia sulla capitale, il re rifiuterà di firmare la dichiarazione di stato d'assedio e deciderà di affidare il compito di costituire il nuovo governo prima a Salandra e, immediatamente dopo, a Mussolini" (Federico Chabod, *L'Italia contemporanea (1918-1948)*. Torino, Einaudi, 1961, p. 71).
 45. Como afirmou Piero Gobetti em uma carta: "Questi quattro sono il nucleo centrale dell'*Ordine Nuovo* (. . .) L'uomo migliore su cui il giornale s'impenna è Gramsci (. . .) Il problema dei consigli di fabbrica è stato visto da lui. . ." (A citação encontra-se em A.A.V.V., *Per Gobetti*, Torino, Vallecchi, 1976, p. 43).
 46. Lenin refere-se à III Internacional ou Comintern, que representou, na prática, o posicionamento de insatisfação diante das perspectivas do movimento socialista, com o conseqüente endereçamento à formação dos partidos comunistas. Gramsci, como sabemos, havia enviado ao Congresso da I. C. uma moção, "Per un rinnovamento del Partito socialista", que recebeu o comentário positivo de Lenin. (Citação de *Lettere dal carcere*, op. cit., p. XXIX).
 47. Paolo Spriano, op. cit., p. 95.